



ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA O FUTURO DA OFTALMOLOGIA E DO SNS



Intervenientes na sessão de abertura (da esq. para a dta.): Dr. Sérgio Azevedo (diretor do Serviço de Oftalmologia da ULSAM/HSL), Dr. Franklim Ramos (presidente do Conselho de Administração da ULSAM/HSL), Dr. Luis Nobre (presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo), Dr. Augusto Magalhães (presidente do Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos), Prof. Rufino Silva (presidente da SPO), Dr. Xavier Barreto (presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares), Dr. João Pedro Vieira (adjunto do secretário de Estado da Saúde) e Dr. Vítor Herdeiro (presidente da Administração Central do Sistema de Saúde).

A 1.ª Reunião Nacional de Gestão de Oftalmologia, apelidada de Oftalgest, decorreu entre 17 e 18 de junho, em Viana do Castelo, e teve como principal objetivo discutir o futuro da Oftalmologia e do Serviço Nacional de Saúde. O evento foi promovido pelo Serviço de Oftalmologia da Unidade Local de Saúde do Alto Minho/Hospital de Santa Luzia (ULSAM/HSL) e contou com o apoio da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO).

Pedro Bastos Reis

“Uma reunião histórica.” É desta forma que o Dr. Sérgio Azevedo, principal impulsionador da Oftalgest, define o evento que juntou, na mesma sala, diretores de serviço, administradores hospitalares e outras entidades. De acordo com o diretor do Serviço de Oftalmologia da ULSAM/HSL, o objetivo foi “estimular a integração de conhecimentos entre clínicos e gestores, porque é cada vez mais necessário dar uma resposta integrada e promover a qualidade do sistema de saúde nacional”. Nesse âmbito, a Oftalmologia deve estar na “vanguarda e na liderança do processo de evolução do Serviço Nacional de Saúde [SNS]”.

No que diz respeito aos principais desafios que se colocam à sustentabilidade da Oftalmologia e do próprio SNS, Sérgio Azevedo destaca as questões relacionadas com a gestão. “Relativamente à qualidade, a Oftalmologia está num patamar de excelência. Neste momento, o maior desafio é em termos de organização e de gestão. Precisamos de encontrar novos modelos que permitam reter os profissionais no SNS.”

Assim, a reunião Oftalgest foi, acima de tudo, um fórum de discussão em que se debateu a gestão “sem complexos e ideias pré-concebidas”, conforme referiu o Dr. Franklim Ramos durante a conferência inaugural. “Falar de gestão é falar de recursos humanos, de infraestruturas, de equipamentos, mas é sobretudo falar das necessidades da nossa população”, sublinhou o presidente do Conselho de Administração da ULSAM/HSL.

Franklim Ramos chamou também a atenção para assuntos como o aumento da eficácia do sistema de saúde e a melhoria da produtividade e da qualidade, sem descurar na resposta às alterações demográficas e à prevalência das doenças visuais e oculares. “É essencial definir

estratégias para responder às necessidades dos cuidados oftalmológicos. É preciso fazer mais no âmbito da promoção de saúde, estimulando comportamentos saudáveis e aumentando a consciencialização sobre a importância do exame oftalmológico regular e dos rastreios visuais.”

A importância de rastreios e tratamentos atempados, sobretudo nas doenças da retina, foi uma das prioridades identificadas pelo Prof. Rufino Silva, presidente da SPO. “O principal problema da Oftalmologia não são as listas de espera de catarata, mas sim as listas de espera de doentes que cegam irreversivelmente devido a patologias da retina”, alerta o também oftalmologista no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Tal acarreta “um custo grande em saúde”, para o qual é necessário encontrar soluções. “Estes doentes devem ser considerados urgentes e iniciar tratamento entre oito a 15 dias após o início dos sintomas. Se assim for, os ganhos em saúde serão enormes”, conclui.

Entre os desafios que se colocam à sustentabilidade da Oftalmologia no SNS, Rufino Silva refere a necessidade de pensar na formação dos mais jovens, uma vez que “mais de metade dos oftalmologistas tem mais de 55 anos”. O fortalecimento do SNS e a criação de estratégias de avaliação em termos de “indicadores de eficácia clínica e resposta aos doentes” foram outros desafios por si elencados. “Não estamos a

Oftalgest em números

103 participantes
32 diretores de Serviços de Oftalmologia
27 presidentes de Conselhos de Administração
18 convidados especiais

falar de pedir ou não mais fundos. Estamos a falar de gestão, porque às vezes são os pequenos passos que rompem bloqueios, traduzindo-se em melhorias operacionais muito significativas.”

ESCASSEZ DE RECURSOS HUMANOS

Na sessão de abertura, o Dr. Xavier Barreto identificou como principal problemática a “escassez de profissionais de saúde”. “O SNS não tem conseguido captar e reter profissionais de saúde em várias especialidades, incluindo a Oftalmologia. Por isso, eu diria que o maior desafio, no imediato, é conseguirmos criar modelos de incentivos, dando autonomia aos hospitais.” O presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares (APAH) remeteu ainda para a organização do próprio SNS, notando que os Centros de Responsabilidade Integrados “estão a dar frutos”, e que por isso importa “perceber se este modelo deve ou não ser disseminado em todo o SNS”.

Salientando que as administrações hospitalares “têm ferramentas muito limitadas”, Xavier Barreto defende a revisão das carreiras e do modelo de financiamento, bem como a entrada de mais administradores hospitalares no SNS, que poderiam “fazer a gestão intermédia junto dos médicos e dos diretores de serviço”.

Em resposta às várias reivindicações feitas ao longo do evento, o Dr. João Pedro Vieira, adjunto do Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, garante que “o Governo encara a política de recursos humanos com grande seriedade”. “A dificuldade em reter e captar profissionais de saúde é um problema que existe, está reconhecido e ao qual será dado resposta.” Como exemplo, remete para a publicação, em maio, dos eixos estratégicos da política de recursos humanos do SNS e dos respetivos mecanismos de operacionalização.

Segundo João Pedro Vieira, outro dos compromissos do Governo passa por “reforçar a resposta dos cuidados de saúde primários em geral, nomeadamente na área da saúde visual”, quer no rastreio da retinopatia diabética ou da saúde visual infantil, quer no alargamento a outros tipos de rastreio que sejam propostos à tutela. “Da mesma forma que os oftalmologistas contam connosco para responder às suas dificuldades e aos desafios que enfrentamos hoje em dia, nós também contamos com todos eles para nos ajudarem a propor o melhor caminho para o futuro da saúde visual em Portugal.”

PILARES PARA MELHORAR EFICIÊNCIA E QUALIDADE

O Dr. Augusto Magalhães, presidente do Colégio da Especialidade de Oftalmologia da Ordem dos Médicos (CEOOM), proferiu uma conferência sobre organização dos cuidados de saúde visual no SNS, questionando se “haverá vontade política para responder aos desafios do século XXI”. “É necessário tomar medidas de fundo. A primeira passa por remunerar os médicos de uma forma mais justa. Mas, mais importante do que isso, é preciso criar condições para que os médicos se sintam felizes no SNS”, afirma o também oftalmologista no Centro Hospitalar Universitário de São João, no Porto.

Durante a apresentação, Augusto Magalhães defendeu a necessidade de “introduzir eficiência e qualidade no SNS”. Nesse sentido, propôs a criação de uma plataforma de cuidados primários de saúde visual, cujo primeiro pilar centra-se “na identificação dos locais onde devem ser realizadas as consultas básicas [essencialmente as primeiras consultas] de Oftalmologia”. “Devem ser efetuadas por oftalmologistas, com o apoio de técnicos superiores de diagnóstico e terapêutica,

Participando remotamente no evento, o Dr. Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos, definiu a Oftalgest como “um ponto de partida para o novo SNS, repensando-o na sua globalidade e redefinindo paradigmas de gestão e da prestação de cuidados de saúde”.



no âmbito dos cuidados de saúde primários, libertando a rede hospitalar para cuidados mais diferenciados.”

Já o segundo pilar, consiste nos pontos de rastreio “para as patologias que preenchem os critérios definidos pela Organização Mundial da Saúde para rastreio de base populacional, nomeadamente a ambliopia e retinopatia diabética”. O terceiro pilar diz respeito aos pontos de observação única para sinalização de doenças de risco que, não preenchendo critérios de rastreio, são causas importantes de cegueira irreversível.

Durante o primeiro dia, houve ainda um painel Delphi, uma sessão sobre valores dos cuidados de saúde, três mesas-redondas – que incidiram na Oftalmologia de norte a sul, central e periférica – e duas palestras.

PROBLEMAS IDENTIFICADOS

O dia terminou com uma cimeira magna, moderada pelo Prof. Pedro Menéres.

De acordo com o diretor do Serviço de Oftalmologia do Centro Hospitalar Universitário do Porto/Hospital de Santo António, parte do que se esteve a discutir foi “como o SNS, com insuficiência de respostas, poderá atrair a metade dos oftalmologistas que não trabalham na rede pública”. “Também se debateu se a Medicina privada e os acordos poderiam ser uma solução no sentido de dar resposta às áreas em que há dificuldade em organizar a rede pública”, acrescenta o também vogal da direção da SPO.

Na perspetiva de Pedro Menéres, uma das ideias que sobressaiu foi “a necessidade de criar maior apoio administrativo e secretariado clínico, que permita libertar os médicos para dedicarem mais tempo aos doentes e menos a procedimentos administrativos”. A importância de recrutar e incentivar a permanência de oftalmologistas no SNS, a revisão dos modelos de financiamento e o regime de prestação de serviços foram outros dos temas abordados nesta sessão.

No segundo e último dia de Oftalgest, um dos momentos altos foi a mesa-redonda “Oftalmologia para além dos oftalmologistas”, que incluiu representantes de outras especialidades médicas e restantes áreas da saúde. “O objetivo foi trazer o contributo e a visão desses profissionais para a evolução da Oftalmologia no SNS”, afirma Sérgio Azevedo, que moderou a sessão.

Destaque ainda para as duas conferências – uma sobre participação pública em saúde e outra sobre organização dos Serviços de Oftalmologia - e para outras duas mesas-redondas: a primeira sobre Centros de Responsabilidade Integrados e a outra, a encerrar o evento, com intervenções de deputados da Assembleia da República. No final, sobressaiu a mensagem veiculada ao longo do evento por Sérgio Azevedo: “Somos todos solução.”



Comentários em vídeo dos entrevistados relativamente aos desafios atuais que se colocam à Oftalmologia e ao SNS

